



Projeto STOP Bullying

Uma abordagem baseada nos direitos humanos
para combater a discriminação nas escolas”

Análise do Questionário de Medição da Temperatura do *Bullying* nas Escolas

Lisboa, Abril de 2015





Índice

Introdução	4
Análise Global do questionário	
1. Identificação dos inquiridos	
1.1 Número de Respostas por Escola	5
1.2 Papel dos inquiridos na escola	6
1.3 Sexo dos inquiridos	6
1.4 Faixa Etária	7
2. <i>Bullying</i> e Discriminação nas escolas	
2.1 Motivações	7
2.2 Reação ao testemunhar situações de <i>bullying</i>	8
2.3 Reação ao ser vítima de <i>bullying</i>	8
2.4 Apoio de funcionários qualificados na eventualidade de situações de <i>bullying</i>	9
2.5 Apoio aos agressores	9
2.6 Linguagem discriminatória	10
2.7 Regulamentação	10
2.8 Acessibilidade à informação	10
2.9 Quem auxilia em situações de <i>bullying</i>	10
2.10 Inclusão	11
2.11 Processo de tomada de decisões	11
2.12 Liberdade de expressão	11
2.13 Espaço para debate	11
2.14 Ligação entre <i>bullying</i> e discriminação	11
3. Análise por escola	
3.1 Escola Básica e Secundária do Levante da Maia	13
3.2 Escola Secundária Dr. Serafim Leite	15
3.3 Escola Básica e Secundária Pedro Ferreiro	17
3.4 Escola Básica e Secundária Gama Barros	19
3.5 Escola Básica e Secundária Professor Reynaldo dos Santos	21
3.6 Escola Básica e Secundária Rainha Santa Isabel	23
4. Conclusões	26





Introdução

No período decorrido entre 13 de janeiro e 23 de fevereiro do presente ano, foi implementado o “Questionário de Medição da Temperatura do *Bullying* nas Escolas”, nas seis escolas envolvidas no projeto Escolas Amigas dos Direitos Humanos (EADH) e consequentemente no projeto “STOP Bullying! Uma abordagem baseada nos direitos humanos para combater a discriminação nas escolas” - cofinanciado pelo programa Daphne III da Comissão Europeia.

Assim, professores, alunos e funcionários não docentes (assistentes operacionais e assistentes técnicos) das seis escolas (a saber, Escola Básica e Secundária do Levante da Maia, Escola Secundária Dr. Serafim Leite, Escola Básica e Secundária Pedro Ferreiro, Escola Básica e Secundária Gama Barros, Escola Básica e Secundária Reynaldo dos Santos e Escola Básica e Secundária Rainha Santa Isabel) responderam a questões que nos permitem ter uma visão abrangente da situação em que cada escola se encontra em relação aos fenómenos do *bullying* e discriminação.

Este questionário pretendeu ser igualmente uma ferramenta inicial para as EADH, que possa contribuir para um diagnóstico do fenómeno de bullying em cada contexto escolar e que permita às escolas definir um conjunto de iniciativas estruturadas para reduzir os indices de agressão, perseguição e humilhação continuada entre crianças e jovens.

O questionário foi colocado online, através do *site* “Survey Monkey”, para facilitar a sua aplicação pelos professores e posterior análise de dados pela Amnistia Internacional.

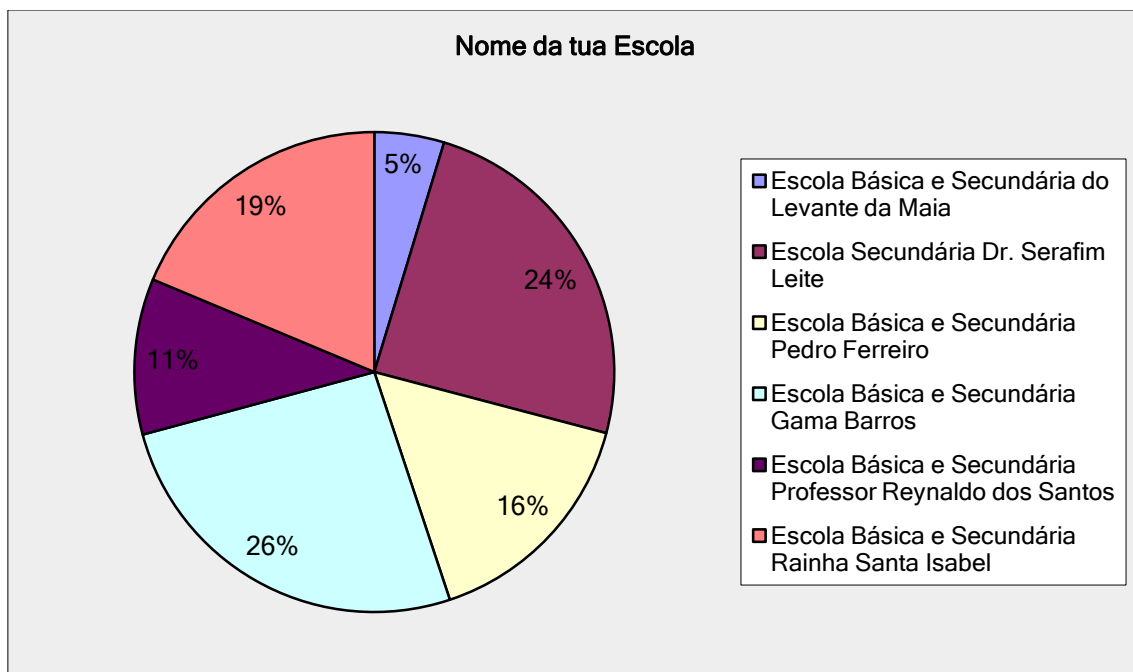
Análise Global do Questionário

1. Identificação dos inquiridos

1.1 Número de Respostas por Escola

No total, foram obtidas **1333** respostas ao questionário, sendo **62** (5% do total de respostas) da escola do Levante da Maia; **325** (24%) da Escola Secundária Dr. Serafim Leite; **210** (16%) da Escola Básica e Secundária Pedro Ferreiro; **344** (26%) da Escola Básica e Secundária Gama Barros; **140** (10%) da Escola Básica e Secundária Professor Reynaldo dos Santos e **249** (19%) da Escola Básica e Secundária Rainha Santa Isabel.

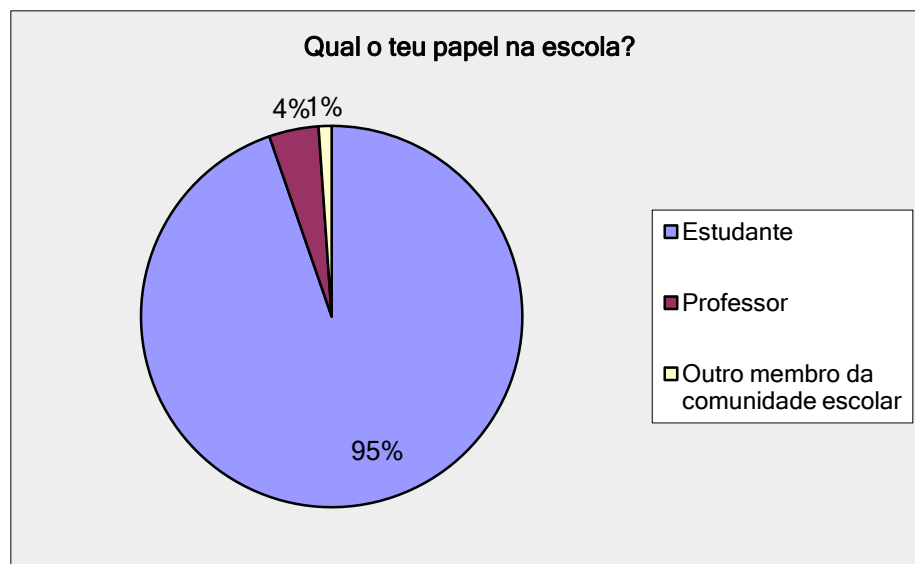
Gráfico 1 – Percentagem de respostas ao questionário referente a cada escola



1.2 Papel dos inquiridos na escola

Das respostas obtidas, cerca de 95% (1257) foram dadas por estudantes, 4% (56) por professores e 1% (15) por funcionários não docentes.

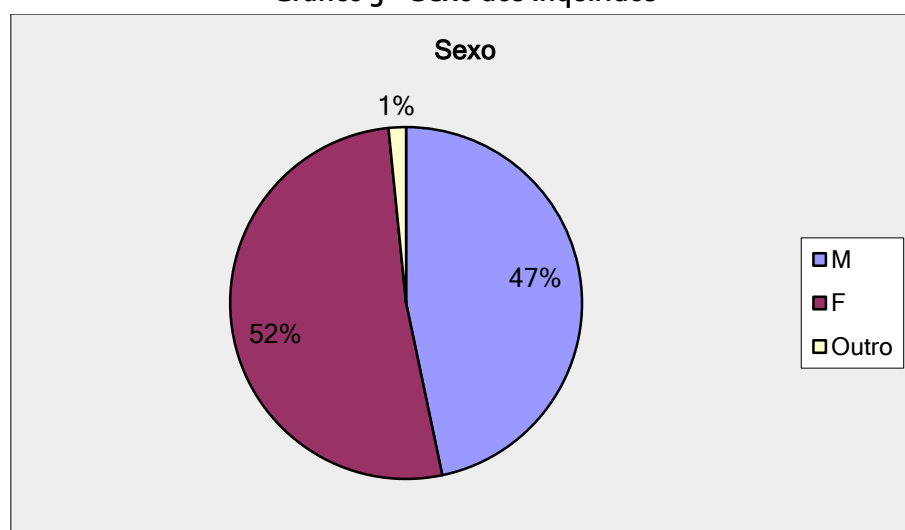
Gráfico 2 – O papel dos inquiridos na escola



1.3 Sexo dos inquiridos

Dos inquiridos que responderam a esta questão, 51.7% (685) identificaram-se como sendo do sexo feminino, 46.7% (679) do sexo masculino e 1% de outro sexo.

Gráfico 3 – Sexo dos Inquiridos



1.4 Faixa Etária

A maioria das respostas ao questionário foi dada por jovens com 13 anos ou menos (262 respostas), sendo a segunda idade mais significativa (259 respostas) os 16 anos. O número menos significativo de respostas (12) corresponde à faixa etária dos 20 anos. Este último dado, prender-se-á com o facto de haver, nas escolas, poucos alunos, assim como poucos professores e funcionários não docentes com esta idade.

2. *Bullying* e Discriminação nas escolas

2.1 Motivações

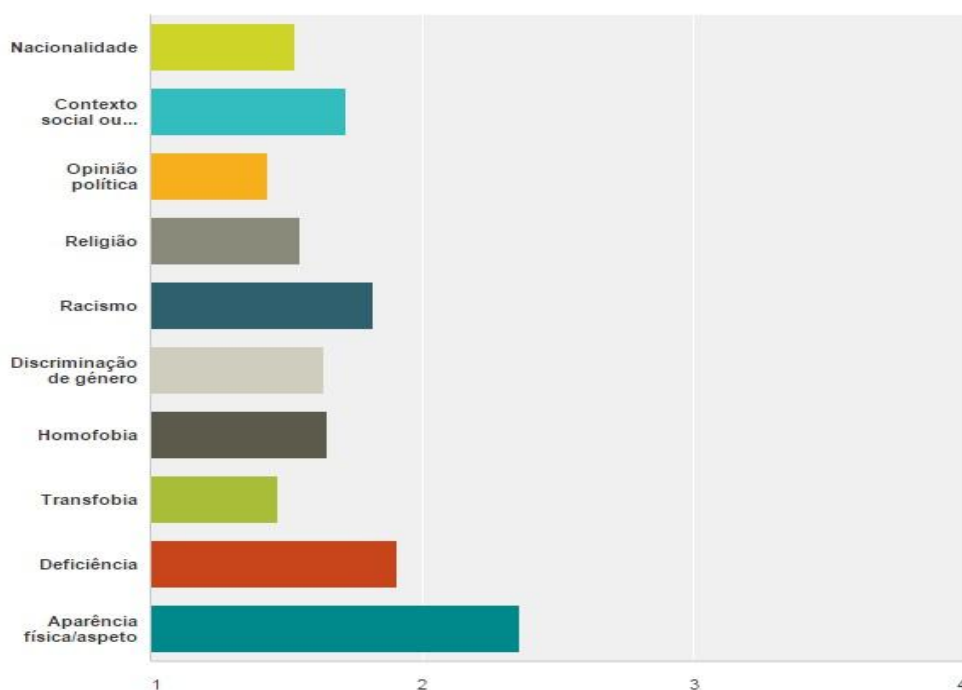
Um dos principais motivos que levou à realização deste questionário foi identificar quais as razões que, na opinião dos inquiridos, despoletavam situações de *bullying*.

Logo, pediu-se aos inquiridos que, numa escala de 1 a 4 (representando 1 “discordo fortemente” e 4 “concordo fortemente”), apontassem as razões que levam ao acontecimento deste fenómeno. As opções dadas foram: nacionalidade, contexto social ou cultural, opinião política, religião, racismo, discriminação de género, homofobia, transfobia, deficiência, aparência física/aspecto.

Importa referir que a maioria dos inquiridos respondeu que discorda fortemente que qualquer um destes motivos leve a situações de *bullying* na sua escola.

Ainda assim, foi possível apurar que, para os inquiridos, o principal motivo de *bullying* prende-se com a aparência física e a deficiência, seguidos pelo racismo e contexto social ou cultural. Segundo as respostas obtidas, a razão menos relevante é a opinião política e a transfobia.

Gráfico 4 – Motivações para situações de *bullying* nas escolas

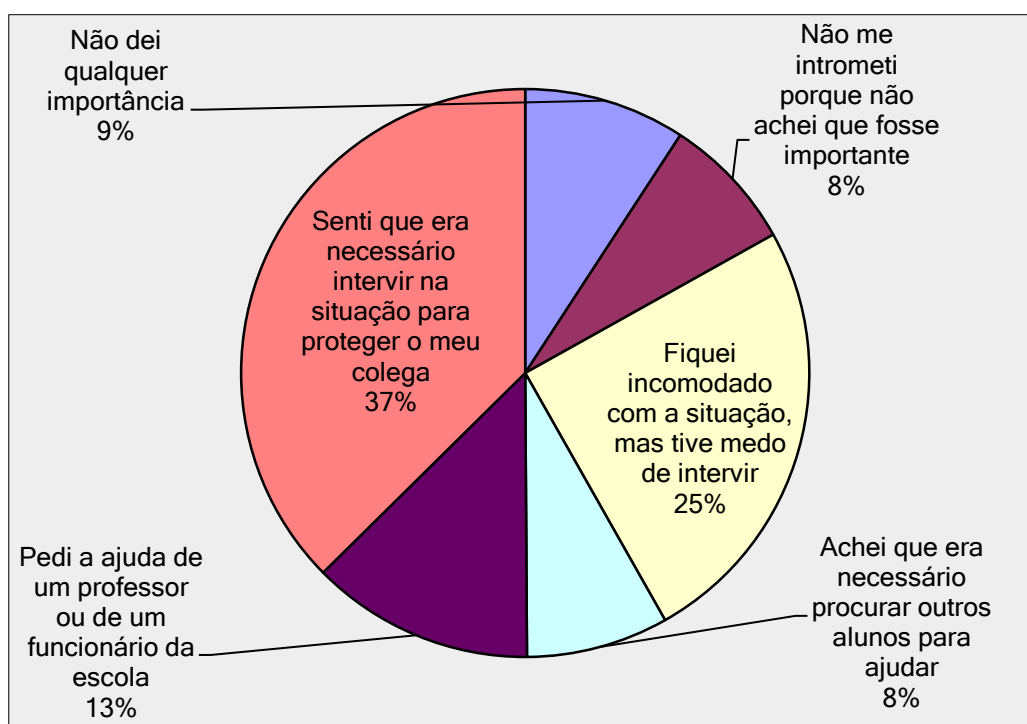


2.2 Reação ao testemunhar situações de *bullying*

Questionámos, caso alguma vez tivessem testemunhado situações de *bullying*, qual havia sido a reação dos inquiridos.

Das 1044 respostas obtidas, a maioria (390 ou 37%) aponta para a opção “Senti que era necessário intervir na situação para proteger o meu colega”. Mas 25% dos inquiridos (260) admite: “Fiquei incomodado com a situação, mas tive medo de intervir”. Existem 133 respostas no sentido “Pedi a ajuda de um professor ou de um funcionário da escola”, 96 “Não dei qualquer importância”, 85 “Achei que era necessário procurar outros alunos para ajudar” e 80 inquiridos não se intrometeram porque acharam que não era importante.

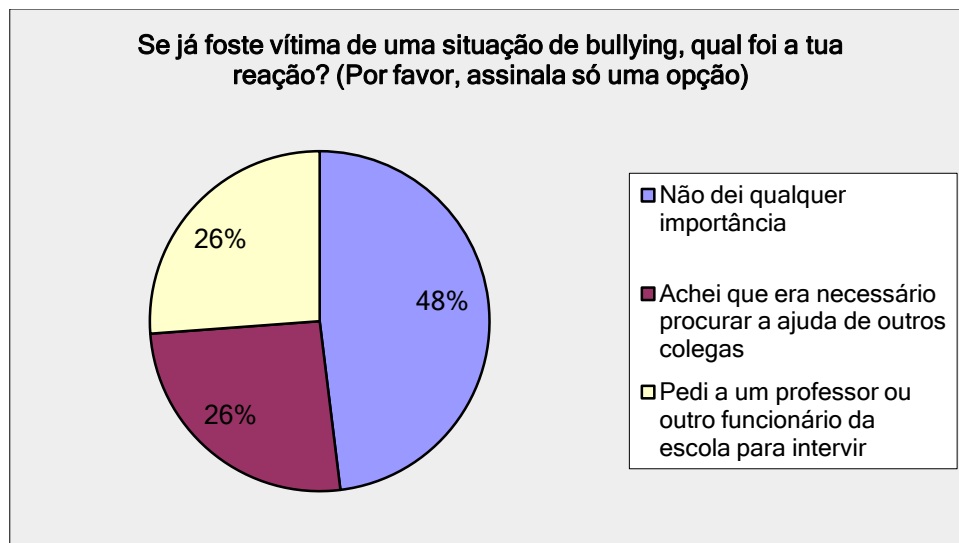
Gráfico 5 - Reação ao testemunhar situações de *bullying*



2.3 Reação ao ser vítima de *bullying*

Segundo as respostas apuradas, ao serem vítimas de *bullying*, a maioria 48% (382 respostas) não deu qualquer importância. A percentagem de respostas referente à opção “Pedi a um professor ou outro funcionário da escola para intervir” é de 26% (208 respostas) e os restantes 205 inquiridos (25%) acharam necessário procurar a ajuda de outros colegas.

Gráfico 6 - Reação ao ser vítima de *bullying*

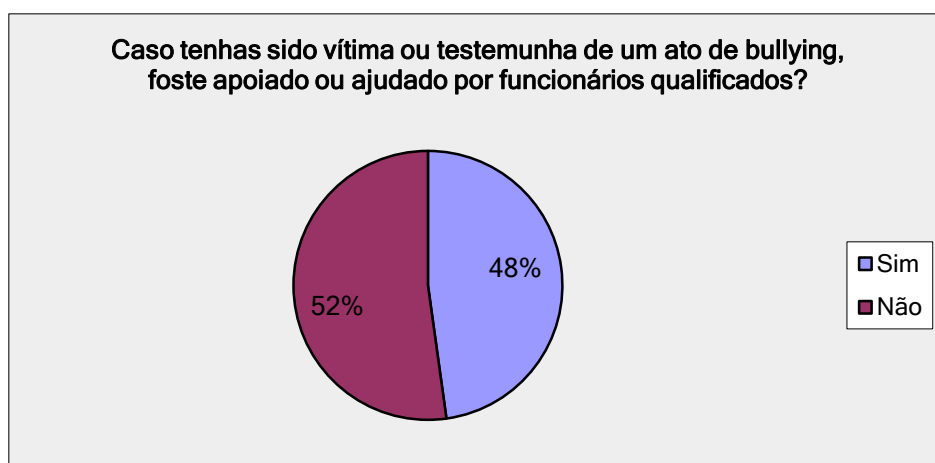


2.4 Apoio de funcionários qualificados na eventualidade de situações de *bullying*

Quisemos saber, para efeitos de formação do *staff* da escola, se aquando de situações de *bullying*, os alunos são apoiados por funcionários qualificados para o efeito, que sabem como proceder face a este fenómeno.

A maioria dos inquiridos (52%) afirma que não, enquanto 48% responderam que sim.

Gráfico 7 - Apoio de funcionários qualificados na eventualidade de situações de *bullying*



2.5 Apoio aos agressores

Perguntámos também, caso alguém na escola aja como um *bully*/agressor, se essa pessoa é ajudada a melhorar o seu comportamento.

A maioria dos inquiridos (715) concorda que sim, enquanto 470 discordam.

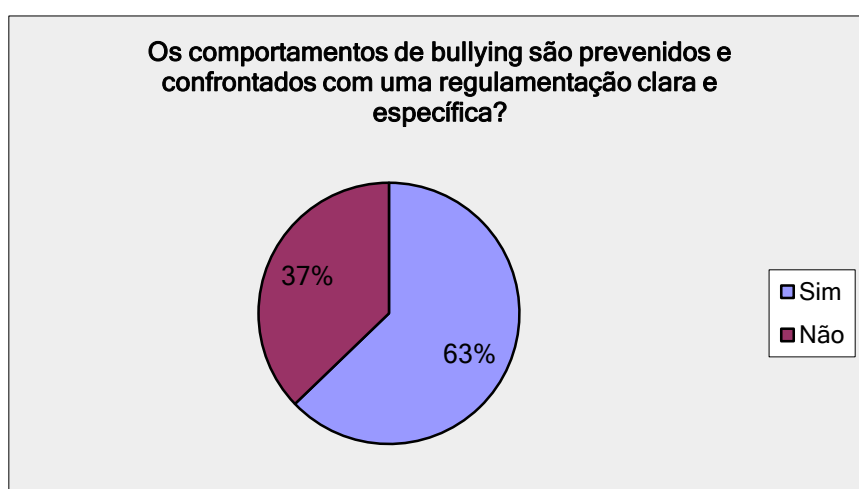
2.6 Linguagem discriminatória

Outra das questões era se existem palavras discriminatórias ou ofensivas escritas nas paredes, no WC, ou em outro lugar da escola. A maioria dos inquiridos discorda que assim seja.

2.7 Regulamentação

Quando questionados se os comportamentos de bullying são prevenidos e confrontados com uma regulamentação clara e específica, 63% dos inquiridos considera que sim, enquanto os restantes 37% afirmam que não.

Gráfico 8 - Regulamentação



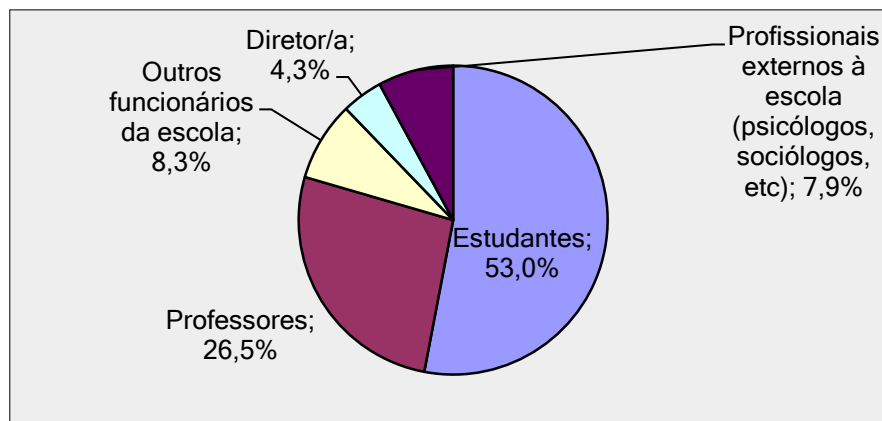
2.8 Acessibilidade à informação

“Os regulamentos de prevenção contra situações de discriminação e bullying são conhecidos e acessíveis a todos os membros da comunidade escolar? (Por exemplo, se as regras da escola estão afixadas em lugares visíveis e são apresentadas aos novos estudantes no início do ano letivo) ” Esta foi outra das questões do inquérito, em que se apurou que a maioria (615) dos inquiridos concorda que sim. Já os restantes 564 discordam que isto se verifique.

2.9 Quem auxilia em situações de *bullying*

Um pouco mais de metade dos inquiridos (53%) afirma que são os próprios estudantes quem mais auxilia neste tipo de situações. A restante percentagem divide-se entre professores (26.5%), outros funcionários da escola (8.3%), profissionais externos à escola, nomeadamente psicólogos, sociólogos, etc. e diretor/a (4.3%).

Gráfico 9 - Quem auxilia em situações de *bullying*



2.10 Inclusão

À questão “Na tua comunidade escolar os alunos, famílias, professores e restantes funcionários de todos os contextos sociais e culturais são aceites sem sofrerem bullying?” a maioria dos alunos (698) respondeu que concorda que sim.

2.11 Processo de tomada de decisões

Quando questionámos se todos (alunos, professores, funcionários da escola) são envolvidos quando se tomam decisões sobre a escola, a maioria (608) dos inquiridos discordaram que assim seja, enquanto os restantes 569 concordam que sim.

2.12 Liberdade de expressão

A maioria (695) dos inquiridos concorda que na escola todos se sentem livres para expressar a sua opinião e personalidade. Já os restantes 490 discordam que assim seja.

2.13 Espaço para debate

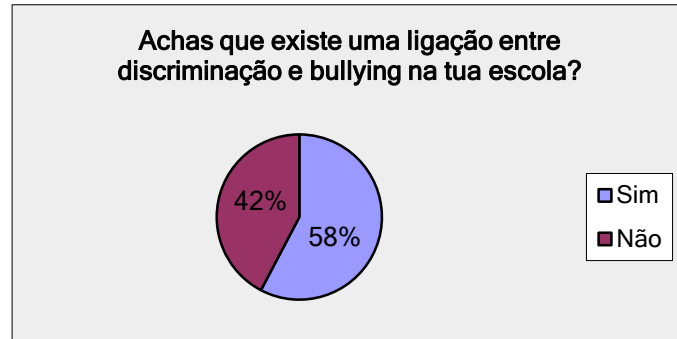
À questão “A tua escola proporciona um ambiente adequado e acolhedor para que todos possam debater, argumentar e ouvir?”, 731 inquiridos responderam que concordam que isto se verifica, enquanto os restantes 455 discordam.

2.14 Ligação entre *bullying* e discriminação

A maioria (58%) dos questionados afirma que existe uma ligação entre ambos os fenómenos, mencionando, por exemplo, que “muitas vezes, por expressarmos a nossa preferência ou opinião somos discriminados” ou “muitas pessoas são discriminadas por serem diferentes e por isso, às vezes, sofrem bullying”.



Gráfico 10 - Ligação entre *bullying* e discriminação



3 Análise por escola

3.1 Escola Básica e Secundária do Levante da Maia

Desta escola, localizada no distrito do Porto, obtivemos **62 respostas**, das quais 56 foram dadas por estudantes, 4 por professores e 2 por outros membros da comunidade escolar.

Do total de respostas obtidas, 38 foram dadas por pessoas do sexo masculino e 28 do sexo feminino. Sendo que a maioria (17) dos inquiridos tem 14 anos.

Para os membros da comunidade escolar inquiridos, **os principais motivos de *bullying* nesta escola são a deficiência e a aparência** (ambos obtiveram, separadamente, 26 respostas de “concordo fortemente”) e os que **menos influenciam o fenómeno são a nacionalidade, o contexto social ou cultural e a discriminação de género**.

A maioria dos inquiridos, ao testemunhar uma situação de *bullying*, sentiu que era **necessário intervir na situação para proteger o colega em questão (38%)**. Mas importa apontar que 31% dos inquiridos, apesar de ter ficado incomodado com a situação, teve medo de intervir. De referir ainda que nenhum dos inquiridos desta escola marcou a opção “Não me intrometi porque não achei que fosse importante”.

Os números mudam quando questionamos como reagem, enquanto vítimas. As respostas dividem-se igualmente (**35%**) **entre as opções “Não dei qualquer importância” e “Pedi a um professor ou outro funcionário da escola para intervir”**.

A maioria (63%) afirma que, em situações desta natureza, foi ajudado por funcionários qualificados.

Dezasseis dos inquiridos concorda fortemente com a afirmação “Se alguém na tua escola agir como um *bully*/agressor ele/ela é ajudado a melhorar o seu comportamento”, enquanto 9 discordam fortemente que assim aconteça.

Os inquiridos (30) concordam que existem palavras discriminatórias ou ofensivas escritas nas paredes, no WC, ou em outro lugar da escola, ainda que 24 discordem.

Uma maioria de 59% afirma que os comportamentos de *bullying* são prevenidos e confrontados com uma regulamentação clara e específica.

Das 53 pessoas que responderam a esta questão, **19 discorda que os regulamentos de prevenção contra situações de discriminação e *bullying* sejam conhecidos e acessíveis a todos os membros da comunidade escolar**.

Em situações de *bullying* e/ou discriminação, **41% dos inquiridos foi ajudado por professores, 27% por estudantes, 18% por profissionais externos à escola, 15% por outros**



funcionários da escola e nenhum afirmou ter sido ajudado pelo diretor/a, que também era uma das opções de resposta.

As opiniões dividiram-se quando questionámos se todos os membros da comunidade escolar, de todos os contextos sociais e culturais, são aceites sem sofrerem bullying: 26 pessoas concordam que sim e 28 discordam que isto aconteça.

Esta divisão de opiniões aconteceu, também, na questão seguinte: **“Na tua escola, todos (alunos, professores, funcionários da escola) são envolvidos quando se tomam decisões sobre a escola?”**. Das 53 pessoas que responderam, 24 concordam que isto se verifique, enquanto 29 discordam.

A maioria dos inquiridos (32 em 54) concordam que, na sua escola, todos se sentem livres para expressar a sua opinião e personalidade. A maioria (33 em 54) concorda, ainda, que a escola proporciona um ambiente adequado e acolhedor para que todos possam debater, argumentar e ouvir.

Ainda assim, 28 das 53 respostas obtidas nesta questão, são no sentido de discordar que a sua escola é um sítio onde todos se sentem seguros e onde os direitos de todos são respeitados.

Alguns alunos que testemunharam e/ou sofreram *bullying* partilharam no questionário esses episódios. Como os dois exemplos que se seguem: **“Fui ameaçada e agredida na escola, no ano passado, durante uma semana, por um grupo de raparigas.”**; **“Entre na escola Levante da Maia, no 2º período do ano letivo 2014/2015 (5-01-2015). No dia 27 de janeiro de 2015, desconhecidos criaram um perfil no *twitter* alegadamente em nome da pessoa que agora descreve a situação. Nesse mesmo dia foram postados comentários como se fosse eu a escrever, insinuando ter medo que uma colega da turma me poderia fazer mal. (...) Esta situação levou a que várias colegas de turma me confrontassem com a situação. Neguei ter sido a autora dos comentários (...). Esse facto levou a uma tentativa de agressão por parte da aluna visada nos comentários. Colegas de turma impediram a agressão. Deste facto dei conhecimento à diretora de turma. No dia 30-01-2015 (...) fui confrontada por alguns colegas da turma novamente sobre o facto da criação do perfil no *twitter*, de denunciar à diretora de turma, aos meus pais e, supostamente à policia. Neste momento fui empurrada e agarrada por uma aluna da turma. Fui ajudada pela delegada da turma, entre outra.”**

54% dos inquiridos afirma que existe uma ligação entre discriminação e *bullying* na escola. Já os restantes 46% afirmam que não. Como explicação de achar que existe esta ligação, um dos inquiridos escreveu: **“Se alguém é diferente de um grupo (...) alguém a irá discriminar e, assim, a situação irá piorar acabando a vítima a sofrer *bullying* físico e psicológico.”**



3.2 Escola Secundária Dr. Serafim Leite

Um total de 325 pessoas desta escola respondeu a este inquérito, das quais 301 estudantes, 19 professores e 3 outros membros da comunidade escolar. Destes inquiridos, 162 se identificaram como sendo do sexo masculino, 159 do sexo feminino e 3 de outro sexo.

A maioria dos inquiridos (103) desta escola, em São João da Madeira, tem 16 anos e a faixa etária que menos respondeu foi entre os 19 e 20 anos, por motivos já anteriormente referidos.

O principal motivo que leva a situações de *bullying* nesta escola, segundo a maioria dos inquiridos é o aspeto físico. Os motivos que parecem ter menos influência são a opinião política e a transfobia.

A maior parte dos inquiridos (91) que já testemunharam situações de *bullying* sentiram que era necessário intervir na situação para proteger o colega. A segunda reação que mais se verificou foi o medo de intervir, ainda que a situação os incomodasse.

Quando questionámos a reação dos inquiridos sobre **a sua reação na posição de vítima de *bullying*, a maioria (81 respostas, o que equivale a 46% dos inquiridos) não deu qualquer importância.** Apenas 44 inquiridos (25%) pediram a um professor ou outro funcionário da escola para intervir.

À questão "Caso tenhas sido vítima ou testemunha de um ato de *bullying*, foste apoiado ou ajudado por funcionários qualificados?", 52% (101) respondeu que não e os restantes (95) inquiridos afirmaram que sim.

Se nesta escola, alguém agir como *bully*/agressor, a maioria dos inquiridos (177) concorda que essa pessoa é ajudada a melhorar o seu comportamento. Os restantes 108 inquiridos que responderam a esta questão discordam desta posição.

Dos inquiridos, 144 concordam que haja palavras discriminatórias ou ofensivas escritas nas paredes, no WC, ou em outro lugar da sua escola. Já os restantes 167 discordam.

Para 70% das pessoas que responderam a esta questão, os comportamentos de *bullying* são prevenidos e confrontados com uma regulamentação clara e específica. Mas, **no que respeita aos regulamentos de prevenção contra situações de discriminação e *bullying* serem conhecidos e acessíveis a todos os membros da comunidade escolar, 149 inquiridos discordam que assim seja, face a 137 que concordam.**

Quando nas situações anteriormente descritas, a maioria dos inquiridos (52%) foi ajudado por estudantes, seguido da opção "professores" (28%), "profissionais externos à escola

(psicólogos, sociólogos, etc.) " (10%), "outros funcionários da escola" (6%), sendo "diretor" a opção que menos se verificou (4%).

A maioria dos inquiridos (180) concorda que os alunos, famílias, professores e restantes funcionários de todos os contextos sociais e culturais são aceites na comunidade escolar sem sofrerem *bullying*. Os restantes 109 discordam que assim seja.

Quanto a todos (alunos, professores, funcionários da escola) serem envolvidos quando se tomam decisões sobre a escola, a maioria (150) concorda que tal aconteça, enquanto 137 inquiridos discordam.

Dos 288 inquiridos que deram resposta a esta questão, 179 concordam que nesta escola todos se sentem livres para expressar a sua opinião e personalidade. Os restantes 109 discordam que tal se verifique.

Quisemos, também, saber se a escola proporciona um ambiente adequado e acolhedor para que todos possam debater, argumentar e ouvir. Dos inquiridos 189 concordam que sim e 99 discordam.

"A tua escola é um sítio onde todos se sentem seguros e onde os direitos de todos são respeitados?" foi outra das questões. Obteve 288 respostas, das quais 165 foram no sentido de concordar e 123 no sentido oposto.

Quando pedimos aos inquiridos que, se sentissem confortáveis, descrevessem uma situação de *bullying* ou discriminação que tenha acontecido na escola, obtivemos respostas como: **"Não gosto de sair da sala nos intervalos. É desta maneira que chego a casa ao fim do dia sem ouvir mil e um comentários acerca de mim. Nos dias em que tenho que ir fazer alguma coisa em algum lugar que não a sala, juro para mim próprio não voltar a fazê-lo. Esta situação tem colocado a minha auto estima um pouco em baixo, mas não é só porque eles querem que eu vou deixar de ser a pessoa que sou.";** **" (...) Aconteceu comigo. Não sei se foi pela forma como me vestia, pelo penteado ou pela falta de maquilhagem. Ou até pelos ciúmes. O importante é que me sinto bem como sou, e não vou mudar só porque uma rapariga fez um comentário menos agradável à minha passagem. Sei que na minha escola existem muitos casos de discriminação, quer entre raparigas quer entre rapazes."**

A maioria dos inquiridos (57%) identifica que existe uma ligação entre a discriminação e o *bullying* na escola, face a 43% que têm uma opinião oposta. Para corroborar esta maioria, seguem-se alguns exemplos das respostas que obtivemos: **"Porque é a partir da discriminação que o bullying se inicia."**



Conforme referido, 117 inquiridos consideram que esta ligação não existe: *"Discriminação até acredito que exista, apesar de nunca ter presenciado. Mas, na minha opinião, bullying é uma palavra muito forte, e acho que não passa a tanto..."*

Houve, ainda, quem respondesse de uma forma mais genérica: *"Já presenciei situações de discriminação na minha escola e, no entanto, não acho que esteja associada ao bullying. Para mim, discriminação é pôr alguém de parte, porque esse indivíduo não possui os mesmos ideais que nós. O bullying não é tanto por a pessoa de parte, mas antes fazer com que essa pessoa se sinta mal. Bullying parte desde ameaças, a violência verbal ou física. A discriminação não chega a esse patamar.";* ***"A sociedade dos dias de hoje é muito crítica em relação a tudo, até as mais simples coisas, como a roupa que vestimos ou o penteado que usamos. Se a nossa personalidade não se enquadrar nos ditos "parâmetros normais", somos imediatamente julgados e discriminados, visto que ser diferente, nos dias de hoje, é motivo para sermos alvo de críticas e/ou ações agressivas por parte de um idiota que se julga um ser perfeito. Daí o facto de existir, na nossa contemporânea, cada vez mais, cópias de entidades e personalidades. São raras as pessoas que se atrevem a ser diferentes e a revelarem a sua verdadeira personalidade, quer na maneira de ser, vestir ou pensar. Só tenho pena de cada vez mais não conseguir acreditar que haja aquela "luz ao fundo do túnel", aquela réstia de esperança de que isto algum dia possa mudar (para melhor, óbvio!)."***

3.3 Escola Básica e Secundária Pedro Ferreiro

Ao todo, 210 pessoas desta escola, localizada em Ferreira do Zêzere, responderam ao questionário.

Em relação à distribuição de papéis na escola dos inquiridos, **97% são estudantes**, 2% professores e 1% outros membros da comunidade escolar. A maioria (55%) é do sexo feminino, seguida de 45% do sexo masculino e 1% de outro sexo.

A faixa etária mais representada (22%) é a dos 13 anos ou menos, seguida dos 14 e 15 anos. A que representa menos respostas é a dos 20 anos (0.5%).

À semelhança das anteriores duas escolas, **o principal motivo que leva a situações de bullying é a aparência/aspecto físico** e os que representam **menor ameaça nesse sentido são a opinião política e transfobia**.

Perante o testemunho de uma situação de *bullying*, 37% dos inquiridos sentiram que era necessário intervir na situação para proteger o colega. A opção menos escolhida nesta questão foi "Não me intrometi porque não achei que fosse importante". **Já no caso de terem**



vido vítimas, 48% dos inquiridos não deu qualquer importância. Em ambos os casos (testemunha e vítima), a maioria (53%) foi apoiada por funcionários qualificados.

“Se alguém na tua escola agir como um bully/agressor ele/ela é ajudado a melhorar o seu comportamento?” foi outra das questões colocadas. A esta questão, 97 inquiridos responderam concordar que assim se verifique, enquanto os restantes 89 discordam.

Também 97 inquiridos discordam que existam palavras discriminatórias ou ofensivas escritas nas paredes, no WC, ou em outro lugar da escola, mas a maioria (101) concordam que existem.

A maioria dos inquiridos (57%) afirma que os comportamentos de *bullying* são prevenidos e confrontados com uma regulamentação clara e específica. A isto contrapõem-se os restantes 43%. Ainda assim, 104 inquiridos discordam que os regulamentos de prevenção contra situações de discriminação e *bullying* sejam conhecidos e acessíveis a todos os membros da comunidade escolar; ao passo que 75 concordam.

Nas situações anteriores, a maioria (50%) afirma ter sido ajudado por alunos, 28% por professores, 12% por outros funcionários da escola, 8% por profissionais externos à escola (psicólogos, sociólogos, etc.) e 2% pelo diretor/a.

Questionámos, também, se na comunidade escolar os alunos, famílias, professores e restantes funcionários de todos os contextos sociais e culturais são aceites sem sofrerem *bullying*. Dos questionados, 83 concordam que sim e 102 discordam que assim seja.

No que respeita ao envolvimento dos vários atores da comunidade escolar no processo de tomada de decisões da escola, a maioria dos inquiridos (104) discorda que o sejam. Já os restantes 78 concordam que são envolvidos.

Na questão relacionada com todos se sentirem livres para expressar a sua opinião e personalidade, há um equilíbrio nas respostas: 93 discordam que assim seja e 92 concordam.

A maioria dos inquiridos (107) discorda que a escola proporcione um ambiente adequado e acolhedor para que todos possam debater, argumentar e ouvir, enquanto 78 concordam que isto se verifica.

Dos inquiridos, 123 discordam que a escola é um sítio onde todos se sentem seguros e onde os direitos de todos são respeitados, face a 61 que concordam que sim.

Quando pedimos que descrevessem uma situação de *bullying*, ocorridas na escola, estas foram algumas das respostas obtidas: *“Uma situação à qual eu já observei foi chamarem alcunhas e nomes inapropriados a alunos com deficiências, dificuldades de aprendizagem ou por não terem possibilidades para poder comprar roupas de marca ou “giras”. Outra situação também foi agressões a pessoas que não têm amigos ou que andam na escola apenas só para estudar porque não têm ninguém com quem falar ou socializar.”*; “Quando



nos chamam nomes devido ao nosso aspeto físico”; *“Raparigas serem gozadas pelo vestuário que trazem”*; *“Vou dar uma situação minha eu sofria de bullying (...) e um episódio entre muitos foi que gozavam comigo por eu ter um problema mais ou menos deficiência nas costas e o que acontecia era que chamavam-me nomes, chegaram a cuspirem para cima de mim só que eu um dia parei e fui contar a minha mãe e a partir daí nunca mais nunca deixei que me desrespeitassem”*

A maioria dos inquiridos (69%) identificou que existe uma ligação entre o bullying e a discriminação: *“Penso que sim que existe uma ligação bastante forte entre a discriminação e bullying na minha escola. Acho que por uma pessoa andar bem vestida e outra mal vestida não quer dizer que a bem vestida vá discriminar a mal vestida, somos todos iguais independentemente da situação económica ou religiosa ou cultural ou até mesmo social.”*; *“Porque as pessoas discriminadas são usualmente aquelas que mais sofrem de bullying, devido ao tipo de roupas que usam e também pelo facto de não terem amigos, apresentarem mau aspeto, não se relacionarem com pessoas “sociais” - as mais famosas da escola, e porque se não podemos ter roupas de marca é porque os nossos pais não têm possibilidades para isso... muitos dos agressores também só atacam porque são muito fracos e tentam rebaixar as pessoas só para serem superiores e não sofrerem porque muitos deles são ricos e são fortes ou feios e para não se rebaixarem diante dos outros e para não sofrerem então fazem com que os outros sofram e discriminam-nos para em vez de serem eles a sofrer são felizes a fazer sofrer os outros.”*

3.4 Escola Básica e Secundária Gama Barros

O número total de inquiridos pertencentes a esta comunidade escolar, do Cacém, foi de 344: 325 estudantes, 17 professores e 2 outros membros da comunidade escolar. A maioria (cerca de 51%) é do sexo feminino, 47.4% do sexo masculino e 2% identificaram-se como sendo de outro sexo.

A maioria dos inquiridos (47%) tem 13 anos ou menos e, à semelhança das demais escolas do projeto, a faixa etária dos 20 foi a menos representada.

À questão relacionada com as motivações que levam a situações de bullying, as opções que receberam mais ênfase foram a **aparência física/aspeto (66 respostas a “concordo fortemente”)**, **racismo (48)** e **deficiência (33)**. Para os inquiridos, das opções facultadas,



aquelas que representam menos risco, na escola, são a transfobia (230), a **opinião política (218)** e a **nacionalidade (212)**.

Ao testemunhar situações de *bullying* na escola, a maior parte dos inquiridos (38%) sentiu que era necessário intervir na situação para proteger o colega. Ao serem os próprios inquiridos vítimas de *bullying*, a opção “Não dei qualquer importância” foi a mais escolhida (44%), seguida de “Pedi a um professor ou outro funcionário da escola para intervir” (31%) e, por último, a opção “Achei que era necessário procurar a ajuda de outros colegas” obteve 25% das respostas.

Em ambos os casos, 53% dos inquiridos afirma não ter sido apoiado por funcionários qualificados. Os restantes 47% declaram que não.

Se, na escola, alguém agir como *bully*/agressor, a maioria dos inquiridos (182), concorda que essa pessoa é ajudada a melhorar o seu comportamento, enquanto 132 respostas são no sentido de discordar que assim seja.

Questionámos, também, “Existem palavras discriminatórias ou ofensivas escritas nas paredes, no WC, ou em outro lugar da tua escola?”. Com isto, a grande maioria (233 pessoas) concordou e 96 discordaram.

Uma maioria de 58% concorda que os comportamentos de *bullying* são prevenidos e confrontados com uma regulamentação clara e específica, face a 42% que discordam.

Os regulamentos de prevenção contra situações de discriminação e *bullying* são conhecidos e acessíveis a todos os membros da comunidade escolar na opinião de 172 inquiridos, ainda que 140 discordem.

Nas anteriores situações, 58% dos inquiridos foram ajudados por estudantes, 25% por professores, 9% por outros funcionários da escola, 5% pelo diretor/a e 2% por profissionais externos à escola (psicólogos, sociólogos, etc.).

Das 317 pessoas que responderam a esta questão, 179 concordam que na sua comunidade escolar os alunos, famílias, professores e restantes funcionários de todos os contextos sociais e culturais são aceites sem sofrerem *bullying*. Os restantes 138 discordam.

Quisemos, ainda, saber se **todos os membros da comunidade escolar são envolvidos quando se tomam decisões sobre a escola. A maioria dos inquiridos (166) discorda que isto aconteça**, enquanto os restantes 148 concordam que tal se verifique.

A maioria dos inquiridos (175) concorda que na sua escola toda a gente se sente livre para expressar a sua opinião e personalidade. Já 140 dos questionados discordam.

“A tua escola proporciona um ambiente adequado e acolhedor para que todos possam debater, argumentar e ouvir?” – com esta questão 137 pessoas discordaram, mas a maioria dos inquiridos (180) concorda que isto se verifica.



Existe um equilíbrio de opiniões quando se questiona se a escola é um sítio onde todos se sentem seguros e onde os direitos de todos são respeitados: 157 pessoas discordam e 156 concordam que sim.

Quando solicitámos, os inquiridos relataram situações de *bullying* que testemunharam ou das quais foram vítimas. Seguem-se alguns exemplos: ***“Bem, eu estava sentada num banco, e uma rapaz chegou e mandou-me uma lata pra cara dizendo que eu era um caixote do lixo, eu levantei-me e ignorei (mas fiquei bastante triste e dorida) depois chegou ele outra vez mas agora acompanhado com amigos e bateram-me magoaram-me (...)”***; ***“chamaram-me nomes, disseram que eu não devia existir, e que os meus pais não se orgulhavam de mim que pelo contrário tinham vergonha”***

Apesar de 43% dos inquiridos não considerarem que existe uma ligação entre a discriminação e o *bullying* (dizendo, por exemplo: *“Porque na minha escola são todos amigos e não acontece nada de bullying nem discriminação”*), a maioria (57%) identifica que existe, fundamentando: ***“Acho que existe uma ligação, pois se uma pessoa é discriminada, pode ser mais facilmente vítima de bullying.”***; ***“Normalmente, quando as pessoas não aceitam a nacionalidade/raça de outra pessoa, com o passar do tempo tendem a piorar os seus comportamentos pra com essa pessoa, e pode até levar à agressão quer física quer psicológica”***

3.5 Escola Básica e Secundária Professor Reynaldo dos Santos

Ao presente questionário, um total de 140 pessoas desta escola de Vila Franca de Xira responderam, das quais 94% são estudantes, 4% professores e 3% outros membros da comunidade escolar. A maioria do sexo feminino (52%), seguida de 43% do sexo masculino e de 5% referentes a outro sexo.

A maior parte dos inquiridos tem 14 anos (26%), imediatamente seguida dos 15 anos, com uma representatividade de 25%. A faixa etária dos 20 anos não obteve qualquer resposta, à semelhança da percentagem residual de representatividade que esta idade teve nas outras escolas.

Para a maioria dos inquiridos, os principais motivos que levam a situações de *bullying* nesta escola são: aparência física/aspecto (38 respostas “concordo fortemente”); deficiência (25), homofobia (23) e racismo (20).

“Senti que era necessário intervir na situação para proteger o meu colega” foi a opção mais escolhida (35%) como sobre a reação dos inquiridos ao testemunharem uma situação de *bullying*. A opção “Fiquei incomodado com a situação, mas tive medo de intervir” obteve 29% das respostas.

Quando questionados sobre a sua reação no papel de vítima, 42% dos inquiridos não deram qualquer importância à situação, 30% pediram a um professor ou outro funcionário da escola para intervir e 28% acharam necessário pedir a ajuda de outros colegas.

“Caso tenhas sido vítima ou testemunha de um ato de *bullying*, foste apoiado ou ajudado por funcionários qualificados?” - a esta questão 55% dos questionados respondeu que não, face aos 45% que afirmaram que sim.

Das 121 pessoas que responderam à questão, 66 concordam que se alguém agir como *bully*/agressor essa pessoa é ajudada a melhorar o seu comportamento. Os restantes 55 discordam.

Segundo os inquiridos, existem palavras discriminatórias ou ofensivas escritas nas paredes, no WC, ou em outro lugar da sua escola (obtivemos 80 respostas neste sentido e 47 no sentido oposto).

Na opinião de 55% dos questionados, os comportamentos de *bullying* são prevenidos e confrontados com uma regulamentação clara e específica, face a 45% que pensam o contrário.

Os regulamentos de prevenção contra situações de discriminação e *bullying* são conhecidos e acessíveis a todos os membros da comunidade escolar, segundo concordam 68 dos inquiridos. Os restantes 50 discordam que isto se verifique.

Nas situações mencionadas anteriormente, 48% dos inquiridos afirma ter sido ajudado por estudantes, 20% por professores, 14% por profissionais externos à escola (psicólogos, sociólogos, etc.), 10% por outros funcionários da escola e 9% pelo diretor/a.

Para 62 dos inquiridos, na sua comunidade escolar os alunos, famílias, professores e restantes funcionários de todos os contextos sociais e culturais são aceites sem sofrerem *bullying*. Ao contrário do que pensam os restantes 49 que deram resposta a esta questão.

No que concerne ao processo escolar de tomada de decisões, uma maioria de 76 inquiridos discorda que todos (alunos, professores, funcionários da escola) sejam envolvidos, face a 37 que concordam que sim.

As opiniões em relação a todos se sentirem livres para expressar a sua opinião e personalidade dividem-se: enquanto 58 pessoas concordam, 56 discordam que assim aconteça nesta escola. Em relação às oportunidades para tal acontecer, questionámos se a



escola proporciona um ambiente adequado e acolhedor para que todos possam debater, argumentar e ouvir. Com isto 68 pessoas concordam e 45 discordam.

Dos questionados, 62 consideram que a sua escola é um sítio onde todos se sentem seguros e onde os direitos de todos são respeitados. Os restantes 53 discordam.

A quem se sentisse confortável para tal, pedimos que descrevesse um episódio de *bullying* que tenha testemunhado ou sido vítima. Eis algumas respostas obtidas: ***"Alunos que batem diariamente em colegas"; "Já aconteceu comigo, eu sofri de bullying o ano passado, pois colegas da minha turma, queimaram-me o cabelo mas não tive a ajuda de ninguém da escola, a única pessoa que me ajudou foi a minha família."***; ***"Muitas vezes era discriminada pelo meu aspeto e pela minha nacionalidade. Todos os dias faziam pouco de mim, tratavam-me como se eu fosse lixo."***; ***"Por vezes, vejo jovens, maioritariamente raparigas, serem enxovalhadas por rapazes, pelo simples facto de não preencherem os requisitos de beleza impostos pela sociedade estereotipada dos dias de hoje. Contudo, bem sei que não são apenas as raparigas que se encontram sujeitas a estes comentários inconscientes. Basta que não sejamos magros, que tenhamos a cara feita num 8 por causa das borbulhas que tão frequentemente nos aparecem para sermos alvos de olhares constrangedores, boquinhas foleiras e, mais que tudo, humilhados. A quantidade de pessoas que continuam a tentar deitar outras a baixo devido a estes pormenores é lamentável."***

Muitas vezes, mesmo que não queiramos mudar (refiro-me à aparência), vemo-nos, de certa forma, obrigados a fazê-lo, visto estar sujeitos a esta pressão estúpida vinda dos nossos próprios colegas!"

A maioria dos inquiridos (58%) identifica, ainda, que existe uma ligação entre o *bullying* e a discriminação. Exemplificam com testemunhos como os seguintes: ***"Grande parte dos episódios que existem de bullying é devida as suas características físicas ou religiosas."***; ***"A ligação é evidente! O bullying é discriminação. Nunca se viu alguém que sofre de bullying integrar-se comumente em grandes grupos. Essas pessoas tendem a ser postas de parte pelos agressores e, muitas das vezes, pelos colegas que temem ter ligações com a vítima, por medo de que lhes possa acontecer o mesmo. São, literalmente, postos de parte. Discriminados."***

3.6 Escola Básica e Secundária Rainha Santa Isabel

Da Escola Básica e Secundária Rainha Santa Isabel, localizada em Estremoz, 249 pessoas responderam a este questionário. Das quais 97% são estudantes, 2.4% são professores e 0.4%



outros membros da comunidade escolar. A maioria (55%) identificou-se como sendo do sexo feminino, seguida de 44% masculino e 1.2% de outro sexo.

No que respeita às faixas etárias representadas, a maior parte das respostas (25%) foi dada por pessoas de 16 anos. Por razões já diversas vezes referidas no presente relatório, “20 anos” foi a faixa etária que obteve menos representatividade.

Na opinião dos inquiridos, **os motivos que mais levam a situações de *bullying* são o aspeto físico/aparência (48 respostas), homofobia (20), deficiência (19) e racismo (16)**. Os que menos influenciam são a opinião política (157), religião (150) e a transfobia (149).

Ao testemunharem uma situação de *bullying*, 38% dos inquiridos sentiu que era necessário intervir na situação para proteger o seu colega, 28% ficaram incomodados com a situação mas tiveram medo de intervir.

No papel de vítima, a maioria dos inquiridos (61%) não deram qualquer importância à situação.

57% dos inquiridos afirma que não foi ajudado por funcionários qualificados, aquando de situações desta natureza.

A maioria das respostas dadas (161) apontam para caso alguém na escola aja como um *bully*/agressor ele/ela é ajudado a melhorar o seu comportamento. As restantes 65 pessoas discordam.

À questão “Existem palavras discriminatórias ou ofensivas escritas nas paredes, no WC, ou em outro lugar da tua escola?” obtivemos 236 respostas. Das quais 204 são no sentido de discordar que isto se verifique e as restantes no de concordar.

A maior parte dos inquiridos (70%) considera que os comportamentos de *bullying* são prevenidos e confrontados com uma regulamentação clara e específica.

Os regulamentos de prevenção contra situações de discriminação e *bullying* são conhecidos e acessíveis a todos os membros da comunidade escolar, de acordo com a opinião de 141 questionados, face à discordância de 91.

Nas anteriores situações, **59% dos inquiridos foram ajudados por estudantes, 26% por professores**, 6% por profissionais externos à escola (psicólogos, sociólogos, etc.), 4.4% pelo/a diretor/a da escola e 4% por outros funcionários da mesma.

Para 162 dos questionados, na sua comunidade escolar os alunos, famílias, professores e restantes funcionários de todos os contextos sociais e culturais são aceites sem sofrerem *bullying*. Os restantes 66 discordam.

No que se refere ao envolvimento de todos os atores da comunidade escolar (alunos, professores, funcionários da escola) quando se tomam decisões sobre a escola, 132 inquiridos concordam que se verifica, enquanto 96 discordam.

Na opinião de 161 inquiridos toda a gente na escola se sente livre para expressar a sua opinião e personalidade, embora 68 discordem.

Questionámos, também, se a escola proporciona um ambiente adequado e acolhedor para que todos possam debater, argumentar e ouvir. Segundo 183 inquiridos, isto acontece, enquanto os restantes 46 discordam.

Em relação à escola ser um sítio onde “todos se sentem seguros e onde os direitos de todos são respeitados”, 177 inquiridos concordam e 52 discordam.

Pedimos aos inquiridos que, caso se sentissem confortáveis para isso, contassem situações de *bullying* que tivesse acontecido na escola, das quais são exemplo: ***“Constantemente jovens são alvo de gozo por parte de colegas, quer pela sua aparência ou qualquer outro fator”;*** ***“Muitas vezes existes mentiras e esquemas apenas para deitar as pessoas abaixo, isto vindo de outras pessoas, às vezes até da mesma turma, às vezes nem têm a ver com a discriminação, ou a raça, apenas para deitarem as pessoas abaixo, e as fazerem sentir inúteis.”;*** ***“Uma vez chegou um menino novo na escola e como era de raça negra ofenderam-no com muitos nomes até que ele se sentiu mal com isso e mudou de escola.”;*** ***“Uma vez assisti a um episódio de discriminação na minha escola, isto porque um aluno era frequente andar sempre sozinho e sem companhia. Foi então que alguns dos alunos da escola começaram a gozar e a fazer comentários inapropriados sobre esse aluno.”***

No que diz respeito à ligação entre o *bullying* e a discriminação na escola, 51% dos inquiridos considera que existe, enquanto os restantes 49% pensa que não. Ainda que existam opiniões como: *“Na escola que frequento é raro episódios de bullying e de discriminação, acho que é uma escola inclusiva, com participação de todos os intervenientes”*, há também quem pense que ***“O bullying é uma consequência da discriminação na medida que a maioria sente-se justificada a humilhar uma minoria desfavorecida.”***

Conclusões

Apesar de a amostra não ter sido a mais desejável, não sendo em muitos casos representativa da comunidade escolar, pode concluir-se que existem, de facto, situações de *bullying* em todas as escolas envolvidas no projeto.

Conforme já foi referido ao longo da presente análise, 95% das pessoas que responderam ao questionário são estudantes, 4% professores e apenas 1% são outros membros da comunidade escolar. Pode verificar-se, ainda, que foram os alunos mais novos quem mais respondeu ao questionário. A maioria dos inquiridos (26%) é da Escola Básica e Secundária Gama Barros, seguida da Escola Básica e Secundária Dr. Serafim Leite (25%), Escola Básica e Secundária Rainha Santa Isabel (19%), Escola Básica e Secundária Pedro Ferreiro (16%), Escola Básica e Secundária Professor Reynaldo dos Santos (11%) e Escola Básica e Secundária do Levante da Maia (5%).

No que concerne às situações de *bullying*, o questionário ilustra que as principais motivações estão relacionadas com a aparência física/aspecto, deficiência, racismo, contexto social ou cultural e homofobia. As que menos parecem levar a situações desta natureza são a transfobia e a opinião política. Todas as escolas apresentaram dados que suportam esta mesma linha.

Um dado alarmante é o de que, apesar de a maioria dos questionados sentirem que é necessário intervir para proteger o colega quando testemunham situações de *bullying*, também esta maioria, quando no papel da vítima, diz não dar qualquer importância.

Outro dado importante para o projeto é o de a maioria dos inquiridos ter apontado que, perante situações de humilhação, agressão ou perseguição contínua, não foi ajudado por funcionários devidamente qualificados.

Todos estes dados serão tidos em conta pela Amnistia Internacional, ao longo do projeto, e deverão servir de suporte para as escolas elaborarem o seu plano de intervenção.